

Dívida, o primeiro assunto de Milliet no Banco Central

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O novo presidente do Banco Central (BC), Fernando Milliet de Oliveira, passou mais de duas horas reunido com o presidente demissionário, Francisco André Gros, na quinta-feira, em Brasília, para uma primeira troca de informações. A posse de Milliet está, em princípio, marcada para esta terça-feira, às 15 horas, conforme entendimento já definido entre os dois.

O primeiro contato de Milliet com as questões do BC, foi praticamente todo ele dedicado ao processo de encaminhamento das discussões sobre a dívida externa. Gros traçou um quadro geral da situação e não deixou de manifestar a seu sucessor a opinião pessoal de que a equipe de negociadores brasileiros precisa ser reforçada, já que várias são as frentes e os níveis de conversação no exterior.

A conversa, no gabinete da presidência do BC, tratou também de assuntos internos e, nas palavras de Gros, "coloquei-o a par sobre a disposição dos diretores do banco de permanecerem na instituição, à exceção apenas dos dois casos conhecidos: tanto Ricardo Fernandez da Silva quanto Luiz Carlos Mendonça de Barros — respectivamente, diretores da Área Bancária e da Área de Mercado de Capitais — apresentaram seus pedidos de demissão".

O ato de exoneração de Francisco Roberto André Gros, assinado pelo presidente da República, foi publicado no Diário Oficial de quinta-feira. Como não havia saído publicado o ato de nomeação do novo presidente, o BC, pela primeira vez, viu-se na estranha situação de estar acéfalo justamente no dia em que se promoveu uma mididesvalorização cambial de 7,5% no cruzado. Espera-se, de qualquer modo, que o Diário Oficial desta segunda-feira traga a publicação do ato que colocará na presidência do banco o economista Fernando Milliet.

Gros explicou que houve apenas uma confusão: "Eu tomei a decisão de renunciar na terça-feira à noite e, na quarta-feira de manhã, encaminhei ao presi-

dente da República a minha carta com a minuta de decreto que foi imediatamente encaminhada para o Diário Oficial". O ex-presidente do BC também deu uma explicação para o fato de não ter colocado seu cargo à disposição logo na segunda-feira, quando já se sabia que o Funaro sairia da Pasta da Fazenda.

"Eu tenho uma visão clara de que o presidente e os diretores do BC não devem ser tratados como mera extensão do Ministério da Fazenda e não via razão para pedir demissão em solidariedade ao ministro Funaro. Eu não sabia quem seria o ministro da Fazenda e seria uma descortesia, antes de saber quem é o ministro, renunciar. De segunda-feira para terça-feira o Brasil mudou muito", afirmou Gros, na entrevista que conceceu aos jornalistas que fazem a cobertura do BC.

Ao comentar as declarações do embaixador extraordinário para a dívida externa, Ramiro Saraiva Guerreiro, que, conforme alguns jornais noticiaram, teria defendido a ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI), Gros fez a seguinte ressalva: "Tenho a certeza de que não foi exatamente isso o que ele disse, porque é inimaginável o Brasil submeter-se ao monitoramento do Fundo Monetário.

Este é um ponto básico do programa do PMDB e é conceitual". O ex-presidente do BC só admite o relacionamento do País com o FMI nos termos do artigo 4º dos estatutos do organismo, que aprova consultas periódicas junto aos países-membros.

Ele considerou importante a postura do novo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, no sentido de definir um programa de ajuste econômico de curto prazo e interpretou a iniciativa dentro de uma conjuntura de mudança de clima político por que passa o País. "O ministro Funaro atravessou um período difícil e era atacado por diversos lados, mas a essência do problema não estava no programa econômico." Logo que transmitir o cargo, Gros vai tirar férias por dez dias e ainda não definiu o que fará depois.